

POEMA SEM TÍTULO

RYAM SANTOS DAS NEVES³

Estando a escrever
No ímpeto da minha inquietação
Não me contendo com as palavras
Que aqui quero colocar

Quais signos são capazes de definir
A força da poesia?
Quão medíocre sou
Nessa onda de mares mortais.

O que eu hei de escrever
Se não tenho a canção de um trovador
E nem a música que me consola
Rejeita por mim se criar?

O que eu hei de escrever
Se não sou como um Jesuíno
E a pureza em mim não se encontra
Pois a maldade me possui?

O que eu hei de escrever
Se romântico não sou
E mesmo a dor por alguém
É capaz de me transformar?

O que eu hei de escrever
Se minha realidade é a ignorância
E mesmo o Realismo
Não me abraça ao criticar?

³ Graduado em Letras Vernáculas pela UNEB IX. Atualmente, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Metafísica pela UNB. Na época em que foi submetido o texto, era graduando em Letras. Estuda as relações entre Literatura e Filosofia. Contato: Ryam.musica.17@outlook.com

O que hei de escrever
Se as forças do Naturalismo
São tão presentes que por ele
Não consigo nem falar?

O que hei de escrever
Se a estética parnasiana
Enche-se de erudição
E o seu texto nunca me descreverá?

O que hei de escrever
Se o Simbolismo que carrego
É somente de condenação
Seu simbolismo (só) mente condenará?

O que hei de escrever
Se sou medíocre á Gregório
E à arte barroca
Só sirvo para se zombar?

O que hei de escrever
Se nem razão tenho ou paz
E nem mesmo a tranquilidade
De um árcade o meu ser terá?

O que eu hei de escrever
Se o Modernismo procura
A antropofagia cultural e ao sentido
E o meu corpo social, podre está?

O que eu hei de escrever
Diga – me ó leitor,
O que eu hei de escrever?

Resta-me o chão
O olhar ao putrefato
O sangue dos inocentes.

Resta-me pensar
Mas descartes tirou de mim
O dom do pensamento

Ajoelhado
No chão
Sangue
Podridão

Coração Insano
Aos meus joelhos doidos
Na lápide rudimentar
Grito: Salva-me!

Oh Bendita Literatura.